

AMÉLIA REGINALDO: HEROÍNA OU VILÃ

Aluizia do Nascimento Freire

Vínculo institucional: Escola Municipal Rita Juventina de Souza

aluizia.freire@hotmail.com

Maria Francinete de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

france@ufrnet.br

A participação das mulheres na Insurreição Comunista é o tema transversal do presente artigo no qual dá ênfase a inserção de Amélia (Reginaldo) Nogueira Feitosa, líder militante da “Insurreição Comunista” de 1935 na cidade do Natal, Estado do Rio Grande do Norte. Movimento marcante dentro do contexto histórico, por ter sido considerado como primeiro e único “governo popular revolucionário”, já estabelecido no Brasil, servindo de estopim para a deflagração de levantes semelhantes em mais duas capitais: Recife e Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo histórico descritivo, analítico e exploratório, donde utilizamos como instrumentos de análise documentos existentes no acervo público e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Portanto, a exposição e a análise dos acontecimentos serão baseadas na bibliografia sobre o tema e nos relatórios, denúncias, julgamentos e apelações, além dos processos instaurados pelo Tribunal de Segurança Nacional, editoriais dos jornais oficiais “A República” e “A Ordem”, no período de 1935, constantes do acervo do IHGRN. Além dessas fontes, tivemos como informante chave vários familiares de Amélia Reginaldo.

De acordo com Costa (1995), a insurreição armada de 1935 fora planejada por alguns membros do Partido Comunista do Brasil (PCB) em resposta ao fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), assim como da União Feminina do Brasil (UFB), órgão que agregava as mulheres, além da extinção da guarda civil, pelo então governo local Rafael Fernandes. Entretanto em Vianna (2007) encontramos que a revolta eclodiu em decorrência da insatisfação dos militares.

Alguns anos antes desse evento, mais precisamente no dia 23 de junho de 1917 nascia, na cidade de Mossoró, uma mulher responsável, em parte, pela mudança política ideológica no Estado do Rio Grande do Norte: Amélia Gomes Reginaldo.

Filha de Raimundo Reginaldo e Luzia Gomes dos Santos recebeu inicialmente o nome de Rosa de Luxemburgo em homenagem a militante comunista polonesa, Amélia cresceu na efervescência e amadurecimento orgânico dos grupos comunistas no Brasil, das greves generalizadas e dos movimentos sociais.

Conduzida pelo pai, primeira pessoa a divulgar idéias marxista-leninistas no interior do RN, concentrava-se na leitura de autores como Victor Hugo, Euclides da Cunha, Jorge Amado, Marx, Lenine, entre outros. De tanto escritores existentes, esses últimos citados foram os que mais lhes chamaram à atenção dedicando um precioso tempo de seu lazer, para procurar absolver os ensinamentos desses líderes socialistas, que após a 1ª guerra mundial estavam “revolucionando” o mundo.

Amélia estava interessada nessa doutrina, que prometia diminuir as desigualdades sociais, acabar com o analfabetismo, e proporcionar uma vida mais decente para toda nação que adotasse o regime comunista. Talvez por isso ou principalmente por isso tornou-se líder estudantil na Escola Normal de Mossoró (1930/33), defendendo melhoria no ensino, igualdade e participação dos alunos e alunas nas decisões da educação formal.

A história familiar de Amélia está repleta de pessoas com tendências “revolucionárias”. Entre outras destacamos Ana Floriano que liderou, junto a cerca de trezentas mulheres uma passeata, na cidade de Mossoró, em 30 de agosto de 1875, conhecida como “O Motim das Mulheres”.

Tudo começou quando o Gabinete do Visconde do Rio Branco aprovou o regulamento do recrutamento para o Exército e Armada. Esse regulamento teve repercussão desfavorável na Província do Rio Grande do Norte: “as mulheres mossoroenses promoveram uma manifestação [...], rasgando os editais afixados na Igreja Matriz de Santa Luzia e dirigindo-se a casa do escrivão do Juiz de Paz de quem tomaram e rasgaram o livro e papéis relativos ao alistamento. Partiram depois para a redação do jornal ‘O Mossoroense’, onde destruíram cópias dos mesmos que ali estavam para serem publicadas [...] entraram em choque corporal com um grupo de soldados da Força Pública que ali estavam para dominar a rebelião (MAIA, 2003, p.1)

Conforme registros do acervo público do nosso estado, percebemos a atuação marcante de Amélia na insurreição comunista: todas as mulheres interrogadas referiram que se filiaram a

União Feminina do Brasil, órgão mantido pelo Socorro Vermelho Internacional, através de Amélia Gomes Reginaldo.

A União Feminina do Brasil ocupava-se de assuntos relativos a emancipação das mulheres, por isso era combatida pelos políticos conservadores, que atacavam as filiadas considerando-as como pessoas de comportamento imoral e espalhafatoso. A exemplo disso encontramos a seguinte descrição no jornal A Republica (30, de julho de 1935):

A União Feminina do Brasil, constituída sob a forma de sociedade civil, tem exercido atividade subversiva da ordem política e social. Sendo uma ameaça a sociedade o governo cria o decreto de nº 243 de 19 de julho de 1935, no qual ordena o fechamento em todo o Território Nacional dos núcleos da UFB.

Diante de sua determinação, conhecimento e carisma, Amélia Reginaldo exercer cargo de direção da União Feminina do Brasil, sendo a filiada mais atuante convocando amigas, esposas e filhas de militantes para se engajaram na “luta” do Partido Comunista. Também atuou como secretária do Comitê popular revolucionário e contribuiu na edição do Jornal A Liberdade (Órgão Oficial do Governo Popular Revolucionário – Natal, 27/11/1935), em seu único número publicado.

Segundo consta nos autos, denúncia apresentada pelo Dr Carlos Gomes de Freitas, procurador criminal da Republica no RN, Amélia, Leonila Felix, Chica Pinote e Chica da Gaveta, invadiram o 21º BC, fardadas e portando armas pesadas. É importante destacar que o fardamento de homens e mulheres foi uma exigência de José Praxedes (VIANNA, 2007).

De todas as fichas documentais do Estado, não se encontra no Arquivo Público do Rio Grande do Norte a de Amélia Reginaldo, já que a mesma havia fugido após o fim do movimento. As informações obtidas a respeito da mesma foram coletadas através dos depoimentos nos processos de outros implicados e da historiografia que trata do tema de maneira bastante superficial e sem dar ênfase à questão das mulheres. Presume-se, dessa maneira, que os dados estão incompletos, mas não chegaram a inviabilizar o andamento da pesquisa.

Com base na denúncia apresentada pelo Dr. Carlos Gomes de Freitas, procurador criminal da República no RN, constatou-se que Amélia Reginaldo era:

Amélia Reginaldo, fiel à doutrina abraçada por elle [o pai], distribuía intensa actividade extremista, entre a correspondência do Comitê Popular Revolucionário – como

dactilographia na villa Cincinato – e o manejo pesado das armas, no quartel do 21º B.C., onde teve como companheira de armas, no meio da soldadesca, a Leonila Félix (mulher de Epiphânio Guilherme), 118, Chica da Gaveta, 119, e Chica Pinote, todas fardadas e armadas, como se vê de fls. 170 v, 201, 13 v. e 8. Verso.

Levine (1980), fala em seu livro sobre Amélia e se refere a mesma como a filha de um figurão da ANL do Estado: “A filha de um figurão da ANL do Estado, ostensivamente inocente de qualquer cumplicidade nos acontecimentos de novembro, embora ativo em organização de frente popular, escrevia a mãe em 3 de janeiro”.

Através da fala do autor, percebe-se um desprezo ao referir-se a Amélia, quando a coloca como inocente nos acontecimentos de novembro de 1935, ou seja, mostra a figura da mulher à sombra do homem. Não dá nenhuma importância a participação da mulher militante na vida pública a deixando fora do contexto histórico.

Na carta que Amélia escreve ao seu tio Lauro, relata sua participação no movimento de 1935 e a vida conturbada que estava sendo obrigada a ter após o movimento,. Ao falar sobre a sobrinha para Ferreira (1989), Lauro Reginaldo diz que, o tempo em que ela esteve ao lado dos rebeldes, mostrava-se atuante e à frente do movimento ao lado de seu pai, contribuindo para a única edição do jornal “A Liberdade”, com aproximadamente 16 anos de idade.

Em linhas gerais o trecho abaixo demonstra a importância do movimento de 1935 e a luta de Amélia Reginaldo:

Muita gente se admira com a tomada do poder em Natal, não foi difícil quanto se esperava. Na realidade, o povo apoiou a revolução e quem não apoiou, também não ficou contra, estava no auge, aumentado pelas secas recentes, pelo desemprego, pelas dificuldades da vida.[...] – Este combate foi duro e difícil. Começou às 19 ou 20 horas do dia 23 e durou toda a noite. Ao amanhecer do dia 24 parou a resistência. Na cidade de Natal e outras cidades vizinhas o poder passou para as mãos do povo.

Mas, a glória do governo revolucionário dura poucos dias: quatro dias depois, as tropas do Exército e polícias dos Estados vizinhos tomaram o quartel das mãos dos revolucionários e revolucionários, restabelecendo a ordem, iniciando a via cruzes de Amélia, seu pai, sua mãe e outras pessoas que tomaram parte de tão importante ato histórico.

De todas as mulheres que participaram da insurreição comunista, na cidade do Natal, Amélia foi a única condenada, recebendo uma pena de cinco anos de reclusão. Sua prisão foi

decretada em 04 de setembro de 1936. No entanto não chegou a ser presa, pois se tornou fugitiva da justiça. Já a sua mãe foi presa várias vezes.

Na carta, já referida, destinada ao tio Lauro, ela relata sua odisséia para escapar de seus algozes - tendo de se disfarçar de guia de cego, saltar de trem em movimento, se refugiar em matas, passar fome, trocar de cidades e estados várias vezes, entre outras. Foram três anos vividos nestas condições:

O nosso corpo estava em chagas, cheio de feridas produzidas pelos carrapatos, mosquitos e espinhos. Mas continuamos marchando, evitando os lugares povoados, evitando transuantes, andando e se escondendo, andando e se escondendo, andando e se escondendo

Quando refugiada em Picos – PI viu seu pai falecer. A saúde do professor Raimundo Reginaldo piorou ao saber que sua esposa havia, novamente, sido presa. Já sentindo uma “agonia no peito”, pediu para Amélia cantar “A Internacional” hino de sua paixão. Foi ouvindo esta canção que seu coração parou de bater em 31/03/1938.

Nesse período nossa protagonista

No mês seguinte ela casou e mudou de nome para Amélia Nogueira Feitosa. A mudança de nome, conforme Soares (2008) “em principio verifica-se que por perseguição política, Amélia Gomes Reginaldo, trocou de nome e adotou **Nogueira** (ancestrais da família Cambôa) e **Feitosa**, herdado de seu casório com o Chiquinho, omitindo o de batismo.

Mesmo não exercendo atividade política ideológica nesta cidade e vivendo como uma pessoa simples e recatada, não ficou invisível aos olhos do escritor Renato Duarte. Este, no livro intitulado Picos: os verdes anos cinquenta, comenta:

Outra personalidade feminina que, na minha percepção, singulariza-se na Picos daquela época, era Dona Amélia Nogueira Feitosa, esposa do Sr. Francisco (Chiquinho) Amaro. Poe ter sido uma pessoa simples e de vida recatada, não era muito conhecida na cidade. [...] era uma mulher culta para os padrões interioranos da época. Leitora ávida de livros e revistas, possuía uma das poucas bibliotecas particulares da cidade: nesse aspecto era uma mulher diferente dos padrões de comportamento feminino de então.[...] (DUARTE, 1995, p.124)

Conta sua nora Lili que a leitura era o grande vício de Amélia. Contudo as chuvas ocorridas em março de 1960, provou uma grande enchente no Rio Guaribas. Suas águas

transbordando, atormentou cruelmente a população, inundando uma grande área do município (WIKIPÉDIA). Foi nesta enchente que Amélia perdeu os últimos laços com o comunismo e de certa maneira, com suas histórias: sua invejável biblioteca particular, como referiu Duarte (1995) foi levada pela fúria do Rio. Para Amélia a perda dos livros assemelhava-se a perda do pai: uma dor irreparável

O sofrimento causado pela perseguição fez com que a família Reginaldo silenciasse boa parte de tudo o que acontece durante e após a insurreição comunista. Transformou Amélia em uma mulher centrada no papel de mãe e de avó, mas que não achava bonito não ter o que comer, como a Amélia de Ataulfo Alves e Mário Lago, por isso participava dos movimentos benevolentes, distribuindo alimentos às pessoas menos favorecidas, além de ser uma figura humana reputada como “romântica” (OLIVEIRA, 2008).

Ao perder os livros não perdeu o hábito da leitura. Contudo, seu gênero literário mudou, como diz o velho adágio popular, “da água para o vinho (ou o inverso)”, preferindo os livros de bolso que contam histórias do faroeste americano e as revistas de fotonovelas, dirigidas a um público mais adulto.

É possível que as dores deixadas pelos ideais desfeitos tenha trazido para Amélia doenças que proíbem o uso de dois conservantes fundamentais à vida: o sal e o açúcar. Sofrendo de diabetes e hipertensão, de certo pavor à velhice e com uma história familiar de doença cardíaca, faleceu aos 62 anos de idade, na cidade de João Pessoa, PB.

As mulheres que participaram de movimentos políticos e revoluções, lutando contra as injustiças e por causas sociais, entraram para a história pelo espírito de liderança e perseverança, porém, todas foram severamente punidas. Muitas mulheres no Mundo todo foram presas, martirizadas, e na maioria das vezes, pagaram, com a vida, pelos atos de bravura e coragem.

Ao escrever sobre Amélia Reginaldo, mostramos como as mulheres estiveram ausentes na historiografia brasileira. Não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país, e no próprio processo de democratização política e de mentalidades, seja como participante do movimento de mulheres e/ou movimento feminista (RODRIGUES, 2001),

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias interpretações a respeito da Insurreição Comunista em 1935, de maneira geral, afirmam que a rebelião de Natal foi fruto da articulação sindicalista promovida pelo PCB e a ANL, ambas responsáveis pelo crescimento do movimento operário do Brasil e do Rio Grande do Norte. Apesar da maioria dos autores defenderem que o movimento foi decorrente da insatisfação dos militares não podemos negar o amadurecimento político dos militantes do Partido Comunista do Brasil, a importância deste nos sindicatos e nas lutas por uma sociedade sem oprimidos e opressores.

Nessa conjuntura de turbulência política a força da mulher potiguar, na figura de Amélia Reginaldo e companheiras, vem à tona demonstrando certo rompimento com valores patriarcais que já não representavam a realidade do momento. A luta das mulheres não está de fora desse contexto histórico e os depoimentos e documentos nos revelam o desempenho que as mesmas tiveram no movimento em questão, desmistificando o que ao longo dos anos atribuía-se às mulheres, pessoas submissas e com função meramente social.

O ato de coragem das mulheres participantes da Insurreição Comunista de 1935 irrompeu como um grito de quem reivindicava o seu devido lugar na sociedade, inserindo-se na luta de forma mais abrangente, dando início a um processo de conquistas subsequentes.

A reconstituição histórica desse movimento é extremamente difícil, devido a pobreza de informação dos documentos analisados e da impossibilidade que tivemos de encontrar, nos endereços fornecidos pelas mulheres, alguém que pudesse dar informações mais detalhadas e da escassez de trabalhos científicos a respeito da participação das mulheres na Insurreição Comunista, em Natal. Mesmo assim, ainda não desistimos e desejamos levar Amélia Reginaldo e suas companheiras ao estrelato..

Uma fonte importante que traduz parte da realidade da Insurreição Comunista está no Arquivo Público do Estado no qual tivemos acesso aos documentos como fichas documentais do DOPS, assim como nos jornais: a República e a Ordem, mostrando uma visão conservadora de como as mulheres estavam envolvidas no movimento insurrecional sendo vistas como pessoas imorais e anárquica, querendo ser iguais aos homens, esquecendo suas obrigações do lar.

Para concluir, inferimos que, a pouca notoriedade dada às mulheres potiguares que participaram da Insurreição Comunista, representa o não reconhecimento da atitude feminina enquanto comportamento de luta. Assim, esperamos estar contribuindo no sentido de resgatar

historicamente a personagem Amélia Reginaldo, colocando-a na posição de heroína – assim ela se considerava – e não na posição de vilã, como foi caracterizada por militares e políticos que participaram do combate a Insurreição Comunista.

Estamos aqui resgatando um pouco da história de vida de uma mulher que, ao considerar-se heroína esperava, um dia, ser reconhecida como tal. Por isso estamos sempre procurando os dados e fatos para registrar e homenagear a sua coragem e glória, assim de sua mãe, Luzia Gomes dos Santos e as companheiras de luta: Leonila Felix, Wanda Galvão Virginia Praxedes, Maria da Cruz, Maria José da Paz, Pretinha, Alice, Francisca Pinote, Maria da Glória dos Santos, Chica da Gaveta e outras mulheres que não foram citadas nos depoimentos destas referidas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935*: Natal, o primeiro ato da tragédia. São Paulo: Ensaio, 1995.

DUARTE, Renato. **Picos. Os verdes anos cinquenta**. Recife, Pe: Líder gráfica,

FREIRE, Aluizia do N., OLIVEIRA, Maria Francinete, LIMA, Rita de Lourdes. *Amélia Reginaldo: Uma Mulher de Verdade*. In: Fazendo Gênero 8 – Corpo, 2008, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2008.

FERREIRA, Brasília Carlos (org.). *Lauro Reginaldo da Rocha – BANGU*: Memórias de um militante. Natal. Edufrn, 1989. Coleção Humanas Letras.

LEVINE, Robert. O regime de Vargas: Os anos críticos, 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MAIA, Geraldo. *Uma certa D. Ana de Tal*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/120903/nhistoria.htm>>. (2003) Acesso em : 03, out., 2010.

OLIVEIRA, Maria Francinete de. *Amélia (Reginaldo) Nogueira Feitosa*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/francinete_oliveira_amelia_reginaldo.pdf> (2008). Acesso em: 15 ago., 2010.

RODRIGUES, Almira. *Mulheres*: Movimentos Sociais e Partidos Políticos, Cfemea, 2001.

SOARES, Carlson Reginaldo. *Amélia Reginaldo Uma mulher no levante vermelho de Natal* [mensagem pessoal] Mensagem enviada por <carlsonsoares@hotmail.com> em 24 Jan. 2008.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935. Sonho e realidade*. São Paulo: Editora Popular, 2007.

WIKIPÉDIA. **Picos**; Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picos>>. Acesso em: 03, out., 2010.

Fontes Primárias

- a) Livros de memórias de protagonistas dos fatos, publicados em forma de entrevistas ou de autobiografias, pertencentes ao acervo de bibliotecas públicas ou particulares.
- b) Relatórios oficiais do Arquivo Público do Rio Grande do Norte:
- c) Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:
- d) Jornais locais da época, em especial “*A República*”, “*A Ordem*”.
- e) Tribunal de Segurança Nacional, Rio de Janeiro – Imprensa Nacional – 1937
- f) Familiares de Amélia Reginaldo